



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 66-67
2014-2015

DO ROMANO AO CONTEMPORÂNEO: 2000 ANOS DE ARQUEOLOGIA NAS RUAS DE SANTARÉM*

Carlos Boavida¹, Tânia Manuel Casimiro², Telmo Silva³

¹ Instituto de Arqueologia e Paleociências UNL / Associação dos Arqueólogos Portugueses / cmpboavida@gmail.com

² Bolseira pós-doc FCT / Instituto de Arqueologia e Paleociências UNL / Instituto de História Contemporânea UNL / ARPA – Arqueologia e Património, Lda. / Associação dos Arqueólogos Portugueses / tmcasimiro@fcsh.unl.pt

³ Instituto de Arqueologia e Paleociências UNL / ARPA – Arqueologia e Património Lda. / telmoaps@gmail.com

Resumo

A ARPA – Arqueologia e Património Lda. tem desenvolvido ao longo dos últimos cinco anos diversos trabalhos arqueológicos preventivos, no âmbito de diferentes intervenções urbanas de manutenção e substituição de infraestruturas de electricidade, telefone, água e saneamento em vários arruamentos do Centro Histórico de Santarém, conjunto urbano em vias de classificação.

Se em muitos dos locais pouco ou nada foi encontrado, noutros, face aos vestígios identificados no âmbito desses acompanhamentos, foi necessário proceder à escavação e registo integral desses contextos.

Até ao momento foram localizadas diversas estruturas negativas e positivas, onde se incluem cerca de meia centena de silos e fossas de despejo, parte de uma necrópole islâmica, fundações de vários edifícios, assim como uma extensa rede de condutas de saneamento oitocentistas em alvenaria.

Palavras-chave: Santarém, Arqueologia urbana, Evolução urbanística.

Abstract

Over the past five years, the archaeological company ARPA undertook several preventive archaeological digs in some streets of Santarém. A major part of those works were made due to the maintenance or replacement of infrastructures for electricity, telephone, water and sanitation.

If in most of the places little or nothing has been found, in others the evidence found led to the need of their full excavation and recording.

So far several positive and negative structures have been discovered, such as an Islamic necropolis, about fifty storage pits, some building walls and an extensive network of sewers masonry pipes from the nineteenth century.

Keywords: Santarém, Urban archaeology, Urbanistic evolution.

* Além das intervenções arqueológicas ocorridas até à data da comunicação a que este artigo se refere, são ainda mencionadas as que tiveram lugar até ao final de 2013, em parte integradas em projectos iniciados anteriormente (Largo Pedro Álvares Cabral e Rua Vila Belmonte) e Rua Luís de Camões. Os achados ocorridos num desses locais levaram à alteração do título do artigo que originalmente era “Do Islâmico ao Contemporâneo: oito séculos de Arqueologia nas ruas de Santarém”

1. ENQUADRAMENTO

De acordo com a legislação portuguesa actualmente em vigor é necessário que quaisquer intervenções realizadas em áreas classificadas ou em vias de classificação, como sucede no último caso com

o Centro Histórico de Santarém, tenham entre os seus intervenientes de campo um arqueólogo. Assim, no cumprimento daquela norma, por diversas vezes, a ARPA foi contactada e contratada para a realização desses trabalhos, em obras de carácter público e privado.



Figura 1 – Intervenções Arqueológicas da ARPA no Centro Histórico de Santarém:

1. Rua Jaime Figueiredo 27 (R – 2009); 2. Rua 31 de Janeiro 36 (S – 2010); 3. Avenida do Brasil 59 (A – 2009); 4. Praça Sá da Bandeira/ Rua Serpa Pinto (B – 2010); 5. Rua Luís de Camões (M – 2013); 6. Rua Capelo e Ivens 98 e 100 (S e R – 2009); 7. Rua Guilherme de Azevedo (A – 2011); 8. Rua Dr. Teixeira Guedes (S – 2009); 9. Santa Casa da Misericórdia de Santarém (R – 2009/10); 10. Rua do Arco de Manços (B – 2010); 11. Travessa dos Pasteleiros 9 (B – 2012); 12. Rua Miguel Bombarda (B – 2011); 13. Travessa das Frigideiras (B – 2010); 14. Praça Visconde da Serra do Pilar (AU – 2009); 15. Travessa da Lameira 1 e 18 (B – 2011); 16. Escadinhas do Carmo (M – 2012); 17. Calçada de Mem Ramires (M – 2012); 18. Rua 15 de Março (M – 2012); 19. Rua de São Martinho (M – 2012); 20. Largo do Terreirinho das Flores (M – 2012); 21. Rua Vila de Belmonte (MAS – 2013); 22. Largo Pedro Álvares Cabral (B – 2011; MAS – 2013); 23. Rua Braamcamp Freire (MAST – 2012); 24. Largo Pedro António Monteiro (MAST – 2013); 25. Travessa das Capuchas (MAST – 2012/13); 26. Avenida António dos Santos (MAST – 2012/13); 27. Travessa Padre António Fernandes (B – 2010); 28. Avenida António dos Santos (B – 2013); 29. Largo de Santiago (B – 2010).

Não constam no mapa: Alfange (R - 2010); Rua da Estação (S – 2013).

R – Reabilitação; S – Saneamento; A – Água; B – Baixa tensão; M – Média tensão; AU – Arranjo urbanístico; MAS – Média tensão, água e saneamento; MAST – Média tensão, água, saneamento e telefone

2. PEQUENAS INTERVENÇÕES

Foram poucos os vestígios de interesse histórico-patrimonial identificados pela ARPA na capital ribatejana até 2012. Tal situação deve-se ao facto da maioria dos trabalhos arqueológicos realizados estarem associados à abertura de valas de reduzidas extensão e cota de afectação (máximo 0,70 m) para a instalação de cabos eléctricos (baixa tensão) (Silva & Casimiro, 2011a; 2011b) e de ramais de água (Silva & Casimiro, 2011c; 2011d) e saneamento (Silva & Casimiro, 2010; 2011e; 2011f).

As valas para estas novas infraestruturas, com cerca de 0,50 m de largura, foram abertas no local onde existiam as que anteriormente se encontravam em serviço e então substituídas.

Embora fora de contexto, em algumas destas in-

tervenções foram recuperados escassos materiais arqueológicos. É o caso de um reduzido conjunto de fragmentos cerâmicos recolhidos no Largo de Santiago, junto da alcáçova, onde se incluem ânforas de produção bética e outras formas de fabrico medieval e moderno (Silva & Casimiro, 2011b: 18).

A ARPA também realizou trabalhos arqueológicos no âmbito da reabilitação de alguns edifícios em Santarém, como a intervenção efectuada na Rua Capelo e Ivens, n.º 100. Ali, durante o rebaixamento do nível do piso térreo, além da identificação das sapatas do edifício, realocizou-se a boca de um silo, construída em alvenaria (Casimiro, 2011: 3). Após o registo da mesma, uma vez que a estrutura se encontrava abaixo da cota de afectação da obra, não podendo ser escavada, foi protegida com manta geotêxtil coberta por areia (Casimiro, 2011: 7-8, 10-11).

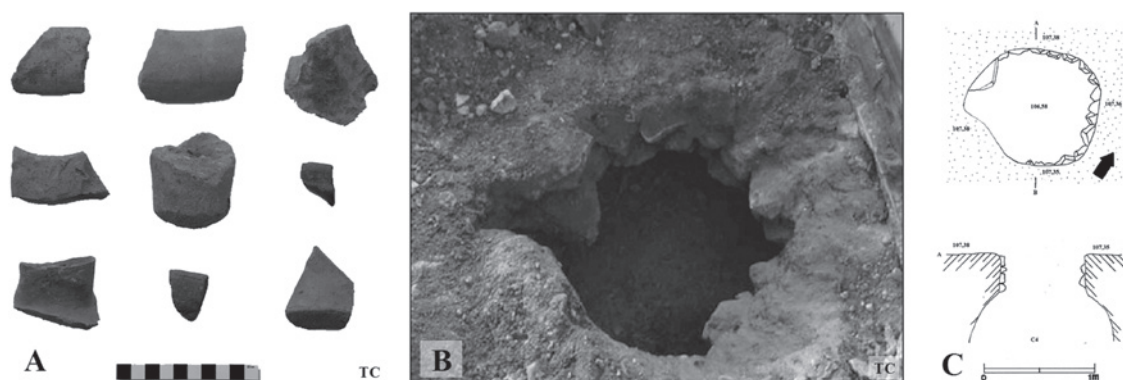


Figura 2 – A – Espólio recuperado no Largo de Santiago; B e C – Silo na Rua Ivens, 100. Fotos e desenho T. Casimiro.

No decurso da obra foram ainda picadas as paredes e demolido pequeno compartimento que albergava uma casa-de-banho. Além de não se terem encontrado outros vestígios patrimoniais, verificou-se que estas construções teriam sido já alteradas em período contemporâneo recente (Casimiro, 2011: 8).

Embora os arqueólogos só tenham sido contactados e estado presentes no terreno após o início dos trabalhos, no n.º 27 da Rua Dr. Jaime Figueiredo (Casimiro & Silva, 2011: 5) e no edifício da Santa Casa da Misericórdia (Largo Cândido dos Reis) foram recolhidos diversos artefactos de Época Moderna. No último caso, esses vestígios poderão indicar a presença de lixeira utilizada pela comunidade mo-

nástica que ocupou anteriormente aquele espaço, pois trata-se do antigo Convento de Nossa Senhora de Jesus do Sítio, conhecido como o Hospital da Misericórdia desde a criação daquele na segunda metade do século XIX (Mendonça, 2000).

Numa intervenção em 2009, da responsabilidade da Câmara Municipal de Santarém, foram abertas algumas caldeiras para a colocação de árvores na Praça Visconde da Serra do Pilar, do lado Norte da Igreja de Marvila. Apesar de terem sido identificados alguns enterramentos e os vestígios de um pavimento, visto estarem abaixo da cota de afectação da obra, após o seu registo permaneceram *in situ*. Anteriormente, em 2005, igualmente do lado Nor-

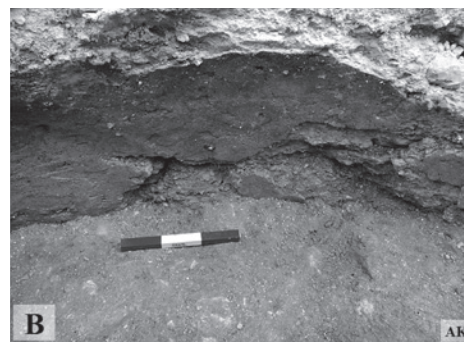


Figura 3 – A – Perspectiva de silo identificado na Rua Luís de Camões; B – Pormenor do revestimento em argamassa. Fotos: T. Silva e A. Krus.

te da Igreja de Marvila, haviam sido identificados alguns enterramentos de cronologia islâmica (Pinto & Santos¹, 2005a).

Em meados de 2013, durante a instalação de cabos de média tensão para fornecer energia a unidade hospitalar localizada na Rua Luís de Camões, foram identificados cerca de meia dúzia de silos, os quais foram intervencionados apenas na área afectada pela abertura da vala.

Os silos encontravam-se parcialmente destruídos pela presença de canalizações e estruturas afins, tendo parte deles sido já registados em 2003 no âmbito do Projecto Almargem (Batata, Barradas & Sousa, 2005a), apresentando-se a área intervencionada por aqueles trabalhos protegida por areia e manta geotêxtil. Alguns dos silos agora encontrados apresentam as suas paredes cobertas por espessa camada de argamassa branca. Durante os trabalhos de acompanhamento da obra de reabilitação do edifício onde a unidade hospitalar foi instalada também foram identificados alguns silos (Santos, 2011).

3. UMA VALA DE MAIORES DIMENSÕES

A necessidade de substituir quatro cabos de média tensão e consequente manutenção da rede eléctrica levou à abertura de uma extensa vala (com cerca de 700 m), atravessando parte do Centro Histórico, entre o Governo Civil e o Convento das Capuchas.

² Responsáveis científicos do Projecto de Requalificação da Rua 1.º de Dezembro. Dados conforme informação na página [online](#) da empresa CRIVARQUE.

Devido a factores alheios aos trabalhos arqueológicos, mas também para evitar maiores transtornos à população, a obra teve lugar em 3 fases.

Mais uma vez a vala foi aberta no local onde se encontravam as infraestruturas a substituir, diminuindo assim danos em património eventualmente existente no subsolo. Na primeira fase foi aberto o percurso entre o Governo Civil e o Terreirinho das Flores, passando pelo Largo de Mem Ramires (antigo Largo do Barão) e com uma ligação à Rua 15 de Março. Anteriormente, muito próximo destes locais foram identificadas diversas estruturas da cidade medieval, nomeadamente as fundações da Porta de Atamarma (Cardoso, Almeida & Mendes, 2001) e cerca de uma dezena de silos (Mendes, 1998; Almeida, 1999).

Durante os trabalhos levados a efeito pela ARPA constatou-se que praticamente todos os arruamentos do percurso já tinham sido alvo de intervenções profundas ao nível do subsolo, para substituição de condutas de água e saneamento, sendo o espólio recuperado raro e descontextualizado. A única excepção a este facto verificou-se nas Escadinhas do Carmo, onde se recolheu grande quantidade de materiais de cronologia moderna (cerâmica, fauna, vidros e metais), dispersos por toda a vala, mas com especial incidência no topo do escadório, junto ao edifício do Governo Civil, antigo Convento do Carmo. Considerou-se que tal situação poderá ser resultado da presença de antiga lixeira utilizada pela comunidade religiosa que ali residia (Boavida, Casimiro & Silva, 2016).

Na parte baixa das escadas, do lado norte, junto ao monumento da Atamarma foram colocados à vista

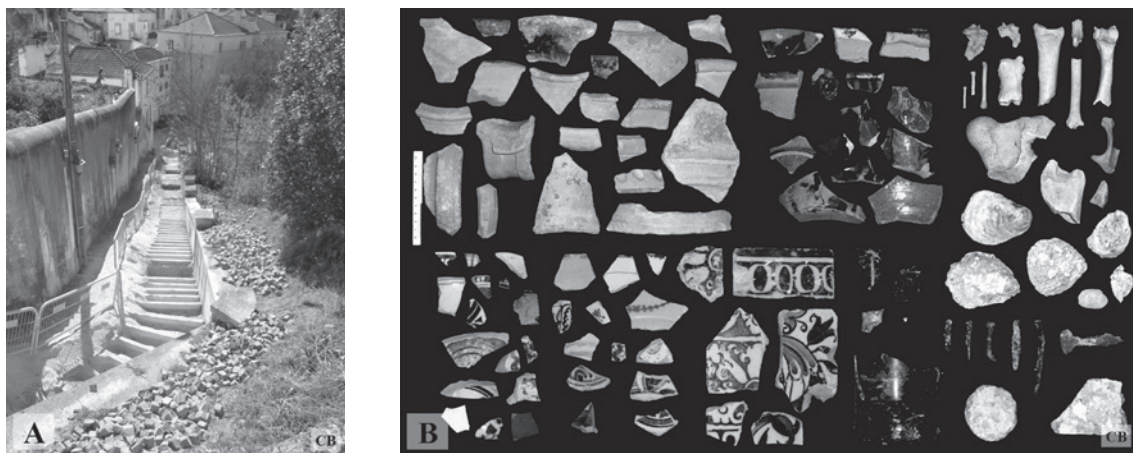


Figura 4 – A – Vista geral dos trabalhos nas Escadinhas do Carmo; B – Amostra do espólio recuperado na parte superior das Escadinhas do Carmo. Fotos: C. Boavida.

os vestígios de um muro em alvenaria argamassada, que acompanha o declive do terreno, podendo constituir antigo limite da escadaria. Do ponto de vista estrutural foram ainda identificadas algumas condutas de saneamento em alvenaria, estando a da Rua 15 de Março em funcionamento. Na Calçada de Mem Ramires, pouco antes de se chegar ao largo do mesmo nome foram localizados os restos de um eventual pavimento de pedras de calcário muito danificado.

4. UMA VALA MAIOR E COM MUITOS ACHADOS

Nas outras duas fases da obra, a vala foi substancialmente alargada, para um máximo de 3,00 m, aumentando igualmente a sua cota de afectação até 2,00 m de profundidade. Tal situação deve-se ao facto da empresa Águas de Santarém ter aproveita-

do a ocasião para proceder à substituição de condutas de água e saneamento nas ruas onde foi aberta a dita vala. Ao longo do percurso daquela foram localizadas estruturas de várias cronologias, desde a Época Romana até à Contemporânea, ainda que algumas delas estivessem muito danificadas.

4.1. Espaços Funerários

Os mais antigos vestígios encontrados correspondem a pequenas fossas escavadas no substrato geológico, preenchidas por espessa camada de cinzas, denunciando provável incineração. Estas estruturas, afectadas por construções contemporâneas, foram identificadas a cerca de 1,00 m de profundidade em frente à Casa do Brasil e à Igreja da Graça. Numa delas recolheram-se diversos fragmentos de unguentários em vidro (alguns deles deformados por exposição ao fogo) e restos de um pequeno pote cerâmico.

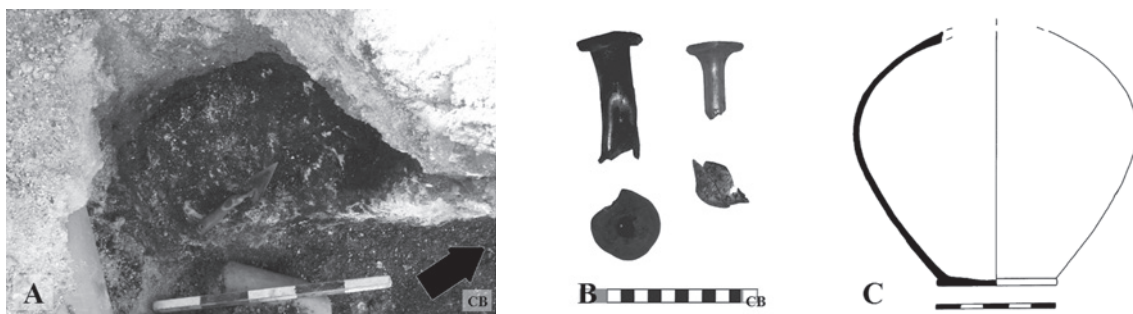


Figura 5 – A – Vista geral de um dos unguentaria; B – Fragmentos de unguentários em vidro; C – Pote cerâmico. Fotos: C. Boavida; desenho: C. Boavida.

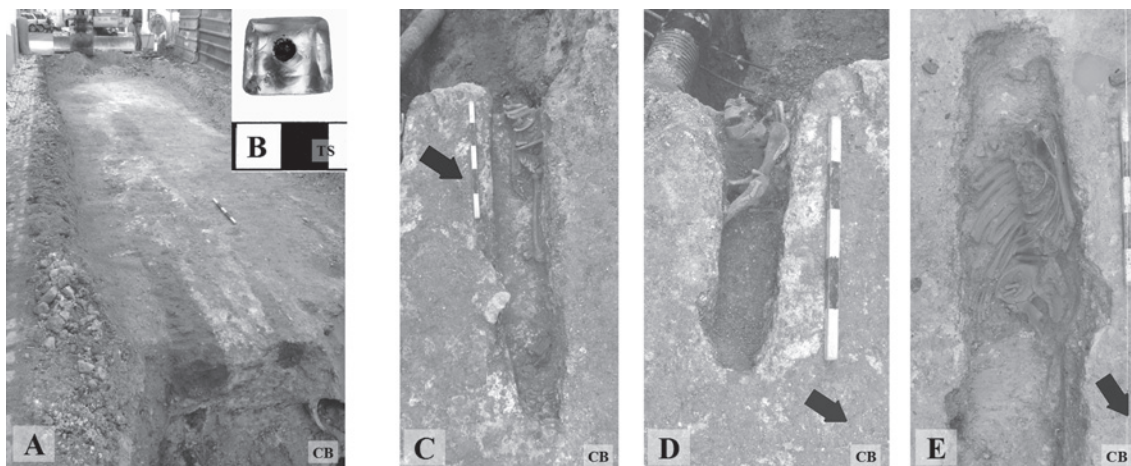


Figura 6 – A – Vista geral da área de necrópole identificada na Travessa das Capuchas, vendo-se na área central, entre as canalizações, as sepulturas antes da sua escavação; B – Botão em quartzo hialino recolhido no corte Sudeste da sepultura 5; C/D/E – Restos osteológicos nas sepulturas I, II e III. Fotos: C. Boavida e T. Casimiro.

Em trabalhos anteriores realizados na Avenida 5 de Outubro (Santos, Liberato & Geote, 2012: 157-158; Santos & Liberato, 2012: 59), junto da Igreja de São João do Alporão, foram reconhecidas estruturas idênticas, classificadas como *ustrina*. Aquele local dista, em linha recta, cerca de 100 m da intervenção no Largo Pedro Álvares Cabral (Graça). Estando os dois sítios localizados próximo do caminho de acesso à alcáçova, o principal núcleo populacional durante a presença romana (Alarcão, 2002: 37; Arruda & Viegas, 2002: 77-80), poderemos estar perante uma área de necrópole daquela comunidade.

Ao longo dos trabalhos foi encontrado e intervenção outro espaço funerário existente em frente à porta lateral da Igreja das Capuchas³, casa religiosa junto ao percurso da vala. Embora a sua localização fizesse supor tratar-se de enteramentos associados àquele templo, a escavação do contexto permitiu perceber que estes vestígios

³ O Convento das Capuchas foi criado em 1678 com o apoio da rainha D. Maria Francisca de Sabóia (1646-1683). Aquela ordem solicitara a utilização do terreno onde se encontrava o edifício devoluto do antigo Hospital dos Santos Inocentes (e sua ermida), fundado em 1321 pela Rainha Santa Isabel e pelo Bispo da Guarda, D. Martinho, junto à Porta de Leiria, e que fora transferido para este local (Bairro do Pereiro) em data incerta no início do século XV. No reinado de D. Duarte o Hospital já se encontrava neste local (Reis, 1991: 68-73).

correspondiam a uma necrópole islâmica⁴. Apesar de muito danificados por intervenções posteriores, foram colocados à vista os vestígios de cinco sepulturas paralelas à fachada lateral da igreja. Em três delas encontravam-se indivíduos adultos depositados em decúbito lateral direito, com a face dos crânios (desaparecidos em momento anterior à intervenção) virada para Sudeste⁵.

Numa das sepulturas mais destruídas, junto ao corte Sul, associado a um fragmento de úmero foi recuperado um botão de formato quadrangular em quartzo hialino. Este é idêntico a um outro recuperado, em níveis atribuídos aos séculos IX-X, sobre o cemitério moçárabe do Mosteiro de São Vicente de Fora, em Lisboa (Cunha & Ferreira, 1998: 132 e fig. 97). Nesta zona da vala recolheram-se muitos ossos

⁴ Segundo uma das irmãs da congregação que desde 1925 se encontra instalada no Convento das Capuchas, há poucos anos foram feitas obras para a instalação de um elevador no interior do recinto. Durante os trabalhos de abertura do poço do elevador foi identificada uma sepultura com as mesmas características que as agora encontradas. Também se verificou a presença de silos. Estes dados foram confirmados pelo Dr. António Matias, Técnico Superior de Arqueologia da Câmara Municipal de Santarém, quando esteve na obra, à data em que se deram os achados.

⁵ Os trabalhos de antropologia foram executados pela Dr.ª Nathalie Antunes e pelo seu assistente Dr. Miguel Afonso.

dispersos, incluindo dois crânios, no fundo do que restava de um silo que destruiu pelo menos uma das sepulturas identificadas.

Outras duas sepulturas foram localizadas sob a caleira da actual rua, existente sobre o corte Sul da vala, mas não sendo afectadas pela obra, após o seu registo permaneceram *in situ*. No Largo Pedro António Monteiro, antigo Largo das Capuchas⁶ (Custódio & Mata, 2010: 16-17), foram ainda encontrados restos dispersos de material osteológico humano, totalmente descontextualizado devido à abertura de outras valas em momento anterior, como sucedia na Travessa das Capuchas⁷.

4.2. Silos: de celeiros a lixeiras

Além destas infraestruturas, as sepulturas identificadas na Travessa foram igualmente danificadas pela abertura de diversos silos, que cortaram partes daquelas⁸ ou as destruíram quase na totalidade. A parte superior destes silos também não se encontra conservada devido à presença de um maciço de betão de formato sub-rectangular, no interior do qual estão cabos telefónicos. Este maciço afectou a estratigrafia do lado Sul da vala na Travessa das Capuchas até cerca de 1,00 m de profundidade (Boavida, Casimiro & Silva, 2013a: 943, fig. 2).

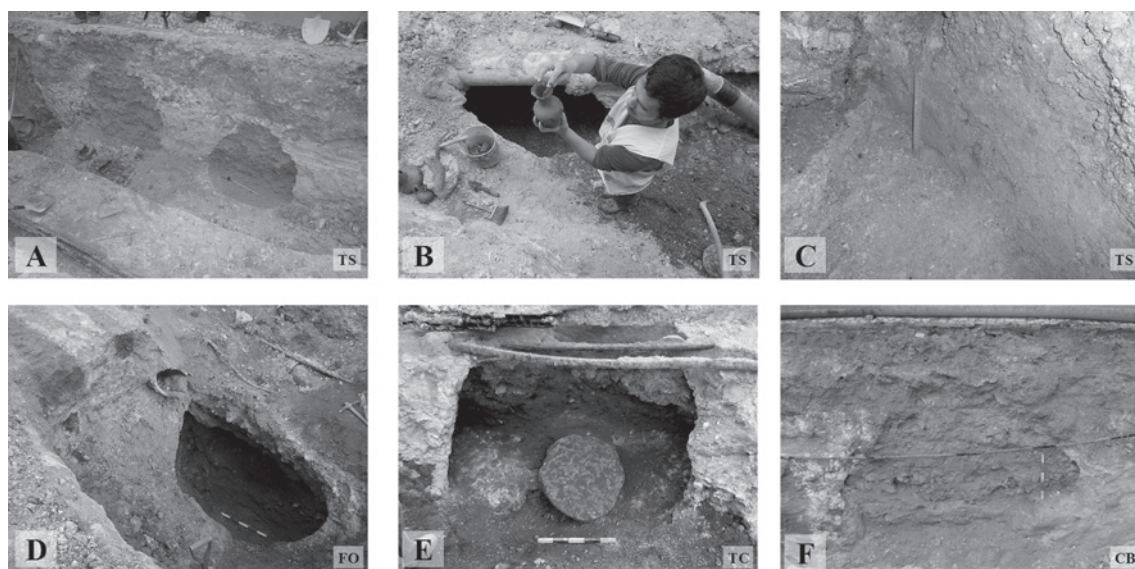


Figura 7 – A – Vista geral dos silos no corte Norte da Travessa das Capuchas (6, 10 e 11); B – Escavação do silo 9 com infraestruturas na parte superior; C – Pormenor do revestimento no interior do silo 8; D – Escavação do silo 5 com infraestruturas na parte superior e parte da necrópole; E – Silo 19 e tampa *in situ*; F – Silo 13 no corte Oeste do Largo Pedro António Monteiro. Fotos: T. Silva, F. Oliveira, T. Casimiro e C. Boavida.

⁶ Corresponde ao antigo Rossio da Amoreira, nas proximidades do qual ficava a residência de João Fernandes Pacheco (Beirante, 1980: 87), 9.º Senhor de Ferreira das Aves e Guarda-Mor de D. João I, tendo os seus familiares exercido igualmente importantes cargos na corte portuguesa. O seu irmão Fernão Lopes Pacheco foi alcaide-mór de Santarém.

⁷ Paralela à Rua Direita de Santo Estevão (actual Miguel Bombarda) e perpendicular à Travessa das Capuchas, a Oeste desta última, existia em Época Medieval uma Rua do Almocouvarinho (Beirante, 1980: 83). Embora outros autores atribuam significado diferente à palavra na origem daquela (*almocábar*), Ângela

Beirante coloca a hipótese de se tratar de uma palavra de origem muçulmana *almocábar*, isto é, cemitério, facto igualmente lembrado por António Matias (Matias, 2004: 93). Este último interveio no Largo Cândido dos Reis a maior necrópole islâmica da cidade (Matias, 2009). Estando aquele local também próximo da zona onde estaria a Rua do Almocouvarinho, não é possível perceber a qual dos cemitérios se poderia referir a herança toponímica.

⁸ Esta situação também se verificou na Avenida 5 de Outubro, onde vários enterramentos em decúbito lateral foram interceptados pela abertura de silos (Santos & Liberato, 2012: 59).

Nenhuma destas estruturas negativas foi interven-
cionada na totalidade, uma vez que só parte se-
ria afectada pela abertura da vala; no entanto foi
possível perceber em todos eles o formato sub-
-hemisférico ou periforme, com um diâmetro variá-
vel entre 1,40 m e 2,10 m. Nalguns deles (5, 6 e 8)
verificou-se que as paredes interiores se encontra-
vam cobertas por argamassa de cal e areia aplicada
manualmente ou com recurso a ferramentas como
atestam algumas marcas digitadas ou espatuladas.

Este tipo de tratamento talvez servisse para im-
permeabilização das paredes dos silos (Boavida,
Casimiro & Silva, 2013a: 938), uma vez que estes se
encontram escavados em margas calcárias, que mos-
tram alguma friabilidade. A aplicação deste revest-
timento ou semelhante foi encontrada em estruturas
idênticas em outros locais da cidade de Santarém,

como na Rua Luís de Camões (mencionada anterior-
mente), no Largo Sá da Bandeira (Batata, Barradas &
Sousa, 2002: 72; 2010: 197-201) ou na Rua Miguel
Bombarda (Almeida, 2003: 84). Os silos desta últi-
ma estão a cerca de 200 metros a Norte do local.

Devido a condicionamentos da obra e também
da intervenção arqueológica foi possível escavar
quase na totalidade o silo 5. Apresenta um diâmetro
total de 1,70 m e o fundo está a 2,30 m de profun-
didade. A parte superior encontra-se destruída pelo
maciço de betão mencionado anteriormente.

Foi contabilizado um total de 22 silos na Traves-
sa das Capuchas e no Largo Pedro António Montei-
ro, encontrando-se os que estão sob o edifício da
igreja preenchidos por pedras miúdas e telhas, en-
quanto os restantes foram usados como depósitos
de lixos domésticos.



Figura 8 – Espólio cerâmico recolhido nos silos 5, 9 e 19. Desenho: C. Boavida

Estas lixeiras são constituídas essencialmente por
objectos em cerâmica comum, nomeadamente pa-
nelas, frigideiras, cântaros, púcaros e testos, entre
outras formas (Boavida, Casimiro & Silva, 2013b:
938-939).

Estão também presentes, mas em menor quan-
tidade, fragmentos cerâmicos de peças produzidas
com pastas rosadas, esmaltadas a branco, decoradas
a azul de cobalto ou com reflexo metálico dourado,
assim como outras em pastas brancas acinzentadas
cobertas por vidro verde ou melado escuro na face
externa, por vezes com decoração em relevo. No pri-

meiro caso tratam-se de fabricos provenientes de ofi-
cinas andaluzas, enquanto os outros serão provindos
de oficinas francesas e flamengas. Este tipo de pro-
duções surge noutros contextos portugueses, tanto
em grandes cidades portuárias como Lisboa (Gaspar
& Amaro, 1997: 339, Est. 2; Fernandes, Marques &
Torres, 2008: 166, figs. 13-14; Silva & Oliveira, 2014)
ou Porto (Gomes *et alii*, 2004: 91-92), mas também
em localidades no interior do país como Beja ou
Castelo Novo (Martins & Lopes, 2007; Martins *et alii*,
2010: 156; Silvério & Barros, 2005: 68-69).

Recuperaram-se alguns fragmentos de objectos

de vidro de provável produção veneziana, um com fios aplicados abaixo do bordo.

Foram também colectados restos de peças em osso e em diversas ligas metálicas, onde se desta-

cam, entre outros, uma pintadeira e algumas agulhas de coser. Entre os materiais recolhidos está um conjunto numeroso de numismas, sendo os mais recentes datados do final do século XIV, inícios do

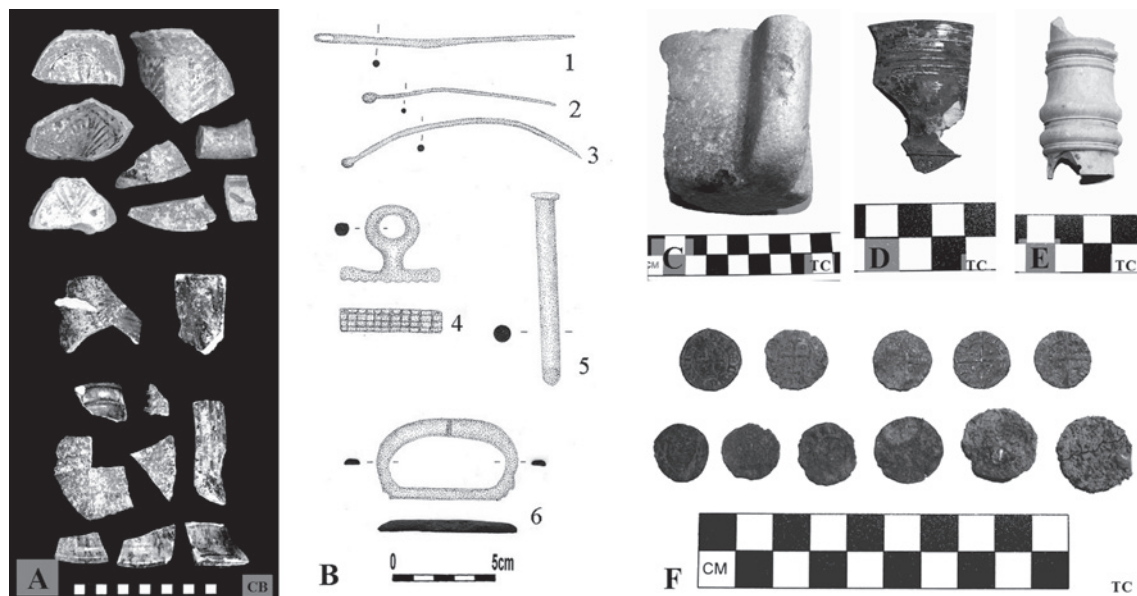


Figura 9 – Espólio recolhido nos silos 5, 6, 9 e 19. A – Cerâmicas esmaltadas; B – Objectos metálicos; C – Almofariz em mármore; D – Bordo de copo em vidro; E – Torre de roca em osso; F – Numismas (silos 5 e 19). Fotos: C. Boavida e T. Casimiro; desenho: T. Casimiro.

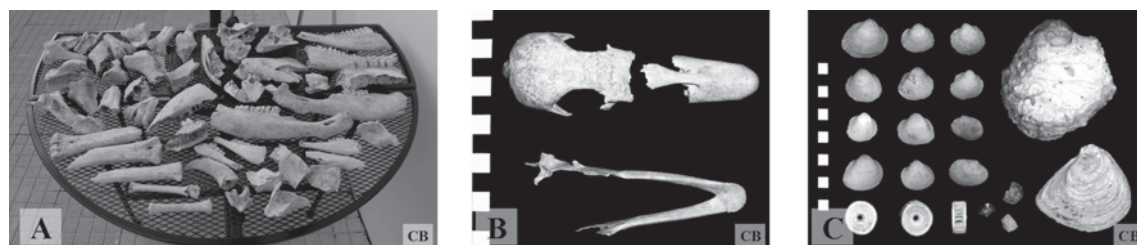


Figura 10 – Fauna recolhida no interior do silo 5. A – Fauna mamalógica; B – crânio de pato; C – Fauna malacológica e ictiológica. Fotos: C. Boavida.

século XV, predominando os *dinheiros* de D. Fernando I (1367-1383).

No interior destas estruturas negativas colectou-se uma grande quantidade de espólio arqueozoológico, situação que se pode ficar a dever à proximidade das carniçarias medievais, que seriam imediatamente a Sul da Travessa das Capuchas (Beirante, 1980: 87). Além da fauna mamalógica, onde predominam os bovidos e porcinos, foi igualmente recuperada fauna malacológica, ictiológica e ornito-

lógica, destacando-se entre esta última a presença do crânio de um pato.

Este tipo de estruturas negativas é muito frequente no Centro Histórico de Santarém, tendo sido encontradas um pouco por todo o planalto de Marvila (Pinto & Santos⁹, 2005a; 2005b; Borges & Bar

⁹ Responsáveis científicos do Projecto de Requalificação das ruas João Afonso e 1.º de Dezembro. Dados conforme informação na página [online](#) da empresa CRIVARQUE.

radas, 2008¹⁰) e também na Ribeira de Santarém¹¹ (Batata, Barradas & Sousa, 2005a, 2005b; Batata, Barradas & Sousa, 2008: 101). Além dos mencionados anteriormente, foram igualmente identificados silos na Alcáçova (Viegas & Arruda, 1999: 108-109), no Largo da Alcáçova (Trindade & Diogo, 2003), na Avenida 5 de Outubro (Liberato, 2012: 15-16; Santos, Liberato & Geote, 2012: 158; Santos & Liberato, 2012: 59-70), na Rua Tenente Valadim (Mendes & Almeida, 1999), no Convento de São Francisco (Lopes & Ramalho, 2001), no Largo de Mem Ramires (Mendes, 1998), na Rua 15 de Março (Almeida, 1999), na Rua Capelo e Ivens (Viegas, 1994), na Travessa da Lameira (Mendes, 2001; Boaventura & Langley, 2002; Mendes, Pimenta & Valongo, 2002; Lopes, 2007) e na Casa do Brasil (Almeida, 1997; 2000).

Estando os dois últimos locais muito próximos do Largo Pedro Álvares Cabral, não foi surpreendente que nesse local também pudessem existir tais estruturas.

A presença da Igreja da Graça no local e a possível existência de uma necrópole associada a este templo levou a tutela a solicitar a abertura de sondagens prévias no largo, antes da continuação dos trabalhos (Boavida, Casimiro & Silva, 2013c). Se durante a abertura daquelas se identificaram-se seis silos, no decorrer do resto da intervenção esse número ascendeu a cerca de duas dezenas.

Tal como na Travessa das Capuchas, existem silos que ofereceram uma grande quantidade de materiais arqueológicos e outros que se encontraram preenchidos por terra castanha clara, pouco compactada, misturada com pedras miúdas, telhas e alguns fragmentos de objectos em cerâmica.

Além do numeroso espólio arqueozoológico, são predominantes as formas em cerâmica comum, de pastas vermelhas ou alaranjadas, em muitos casos com decorações a branco e raramente a vermelho. Ao que tudo indica as formas identificadas

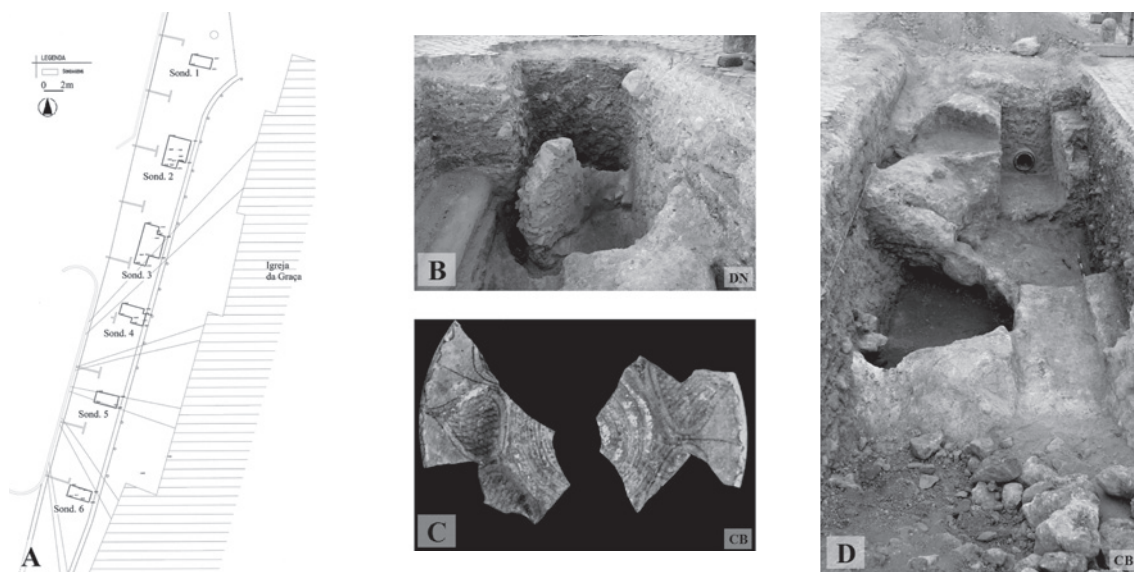


Figura 11 – A – Localização das sondagens de diagnóstico no Largo Pedro Álvares Cabral; B – Vista geral da sondagem 2 no fim dos trabalhos de diagnóstico; C – Prato decorado a verde e negro recolhido no silo 6 (sond. 6); D – Vista geral da sondagem 2 durante os trabalhos de acompanhamento e escavação no decorrer da obra. Fotos: D. Neves e C. Boavida.

¹⁰ Durante os trabalhos de acompanhamento arqueológico da ampliação da rede de condutas da Portugal Telecom realizados pela empresa OZECARUS identificaram-se vários silos em diversos arruamentos da cidade: Rua Dr. Teixeira Guedes, Travessa do Mareco, Largo Emílio Infante da Câmara, Largo de São Julião,

Rua Miguel Bombarda, Rua José Paulo e Avenida António dos Santos (pelo menos um silo em cada um dos locais referidos).

¹¹ Foram localizados silos em diversos arruamentos: Rua do Calvário, Rua Mayer, Rua do Sal, Rua Lourenço de Almada, Calçada da Atamarna e Beco da Escola.

serão de cronologia medieval, em data próxima à da Reconquista da cidade (Casimiro, Boavida & Silva, 2014). Também foram recuperados numismas, assim como vidros e algumas peças de cerâmica vidrada, onde se destaca o prato encontrado no silo 6, decorado a verde de cobre e negro de manganês.

Entre os silos encontrados neste local, dois são motivo de destaque. O silo 4/9, evidenciou-se pela sua dimensão, que graças a condicionamentos da

obra foi possível intervencionar na totalidade. Apesar de parcialmente danificado pela presença da conduta da água, apresentava uma profundidade total de 2,70 m e um diâmetro máximo de 2,00 m. A escassa centímetros da superfície preservava-se parte da boca do silo, estruturada por pedras miúdas e alguns fragmentos cerâmicos, incluindo o bico fundeiro de uma ânfora de origem itálica (Dr.1). No fundo do silo foi encontrada a tampa de formato discoidal em calcário.

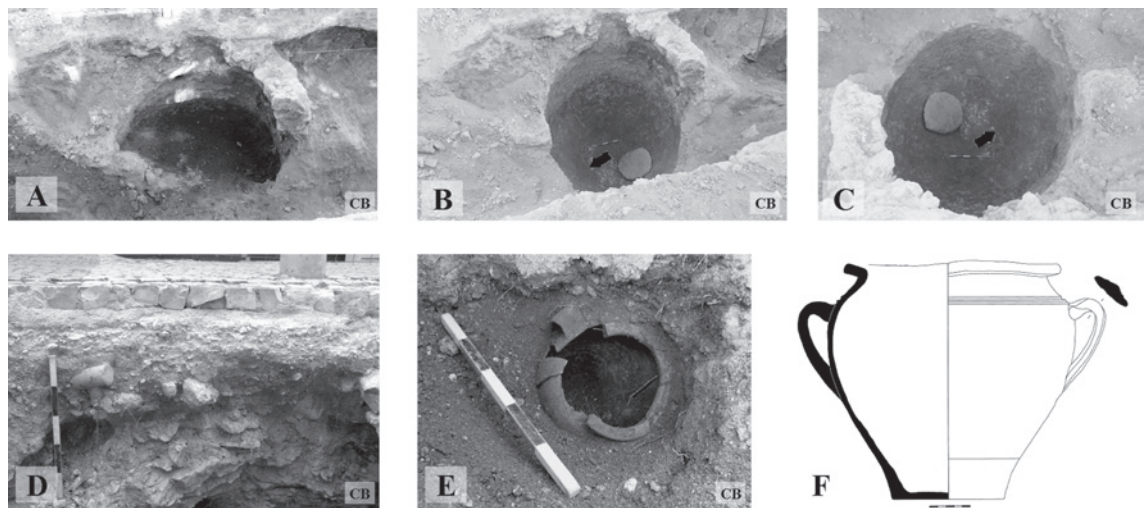


Figura 12 – A/B/C – Diferentes aspectos da escavação do silo 4/9; D – Pormenor de bico fundeiro de ânfora Dr. 1 integrado na boca do silo 4/9; E. Pote encontrado *in situ* no silo 4/9; F – Pote encontrado *in situ* no silo 4/9. Fotos e desenho: C. Boavida.

No silo 20 foi recuperado um numeroso conjunto de objectos cerâmicos, muitos deles completos, e aparentemente “arrumados” no seu interior. Trata-se de estrutura que não se encontrava na área da vala, visto estar no corte oeste; no entanto, durante o acerto daquele e uma vez que a parte superior do silo se encontrava vazia, verificou-se um abatimento do terreno que teve que ser reparado. Aproveitou-se essa oportunidade para fazer o registo e escavação do interior do mesmo até à cota de afectação da obra.

Ao contrário do que se suspeitava à partida não foi identificada nenhuma necrópole associada à igreja. Tal situação pode dever-se ao facto de aquela não se tratar de uma igreja paroquial, como sucede com a Igreja de Marvila, localizada a duas ruas de distância e mais antiga que a Igreja da Graça, cuja construção só se iniciou na década de 80 do século XIV.

No entanto, no interior de um silo (junto ao corte Este) foi identificado um enterramento, em decúbito dorsal, estando a zona da cabeça orientada para Oeste, sem sepultura definida e em plano inclinado¹². O mesmo encontrava-se muito danificado por infraestruturas contemporâneas, estando apenas preservado entre as vértebras lombares e a zona mesial dos fémures. A análise realizada por parte da equipa de antropologia¹³ concluiu tratar-se de indivíduo não adulto (criança ou adolescente) de sexo indeterminado.

¹² Para possibilitar a escavação integral da sepultura, após contacto com a DGPC e acordo com o dono de obra, foi feito o alargamento da vala, numa área total de 1 m².

¹³ Os trabalhos de antropologia foram executados pela Dr.ª Nathalie Antunes.

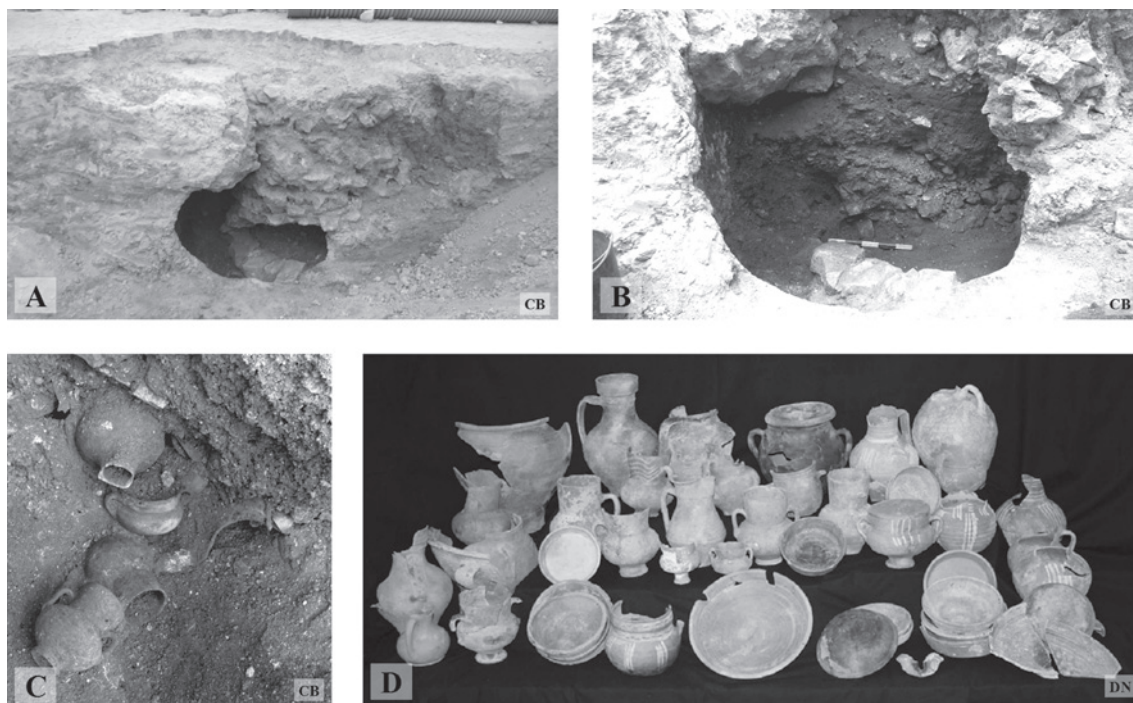


Figura 13 – A/B – Aspectos da escavação do silo 20; C – Espólio no interior do silo 20; D – Vista geral de uma parte do espólio recuperado no silo 20. Fotos: C. Boavida e D. Neves.

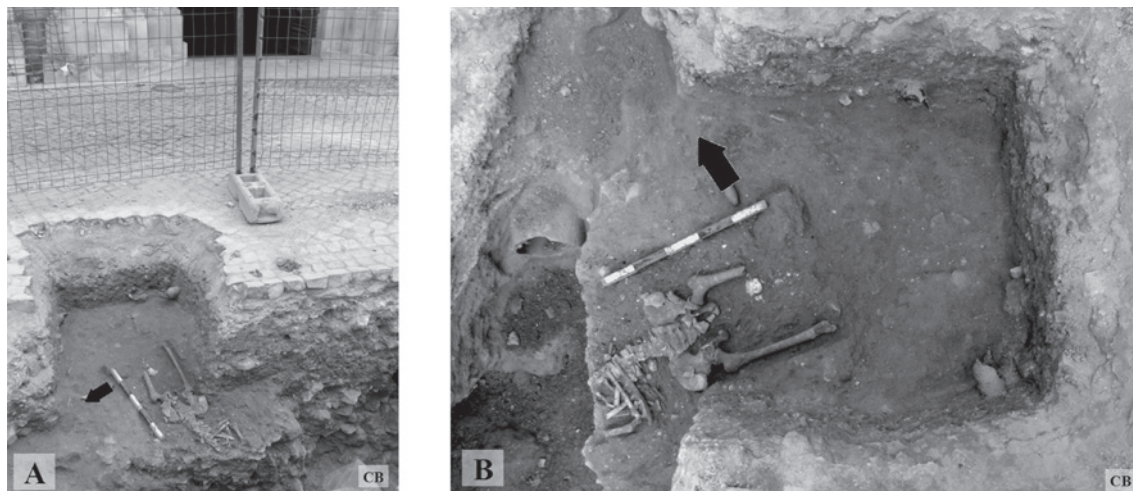


Figura 14 – A – Localização do enterramento, no interior do silo 21, em relação à Igreja da Graça; B – Vista geral dos vestígios do enterramento identificado no interior do silo 21. Fotos: C. Boavida.

4.3. Estruturas Murárias

No decorrer da abertura das sondagens prévias no Largo Pedro Álvares Cabral, foi igualmente colocado à vista um muro com orientação NE/SO. Com o desenvolvimento dos trabalhos verificou-se que este estava associado a outros dois muros, perpen-

diculares àquele e paralelos entre si, formando possível corredor.

A área entre os dois muros encontrava-se ocupada pelo derrube de grande parte de um deles, o localizado mais a Sul. A Norte destes muros foram encontrados dois níveis de pavimentos em seixos

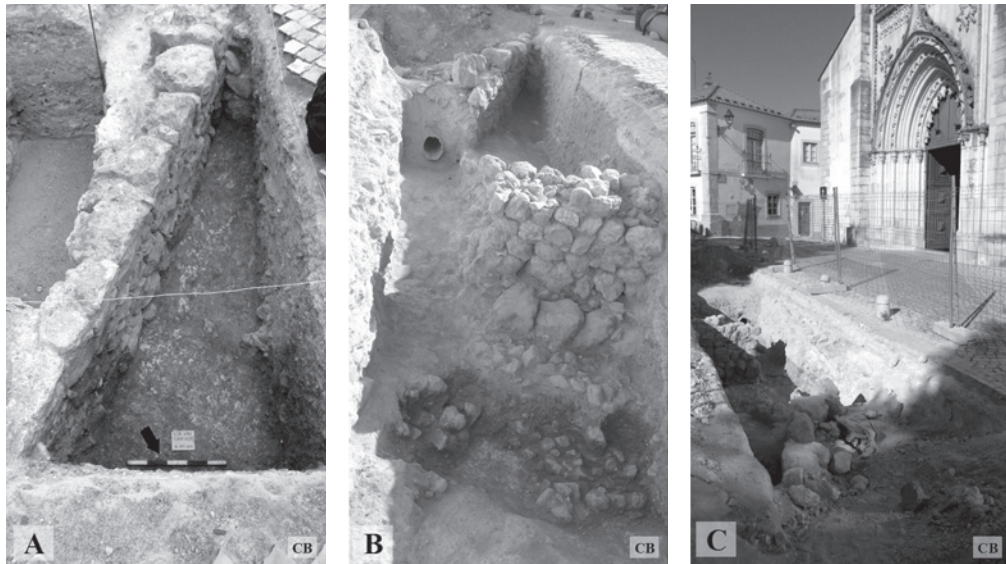


Figura 15 – A – Vista geral do muro identificado na sondagem 3 no Largo Pedro Álvares Cabral; B – Vista geral dos muros identificados posteriormente durante a obra vendo-se a vala da conduta da água; C – Localização das estruturas em relação à Igreja da Graça. Fotos: C. Boavida.

rolados, sobrepostos. Durante a desmontagem destas estruturas foi possível perceber, em corte, que continuam para Oeste.

No corte Este foi também identificado um outro muro, paralelo à fachada principal da igreja, com o mesmo tipo de aparelho que os outros, mas com

uma argamassa de cal de areia muito compacta, de tom amarelado. Ao contrário dos outros muros que se encontravam construídos directamente sobre o substrato geológico de calcário margoso branco, este estava erguido sobre um dos pavimentos de seixos rolados. O espólio encontrado em associa-

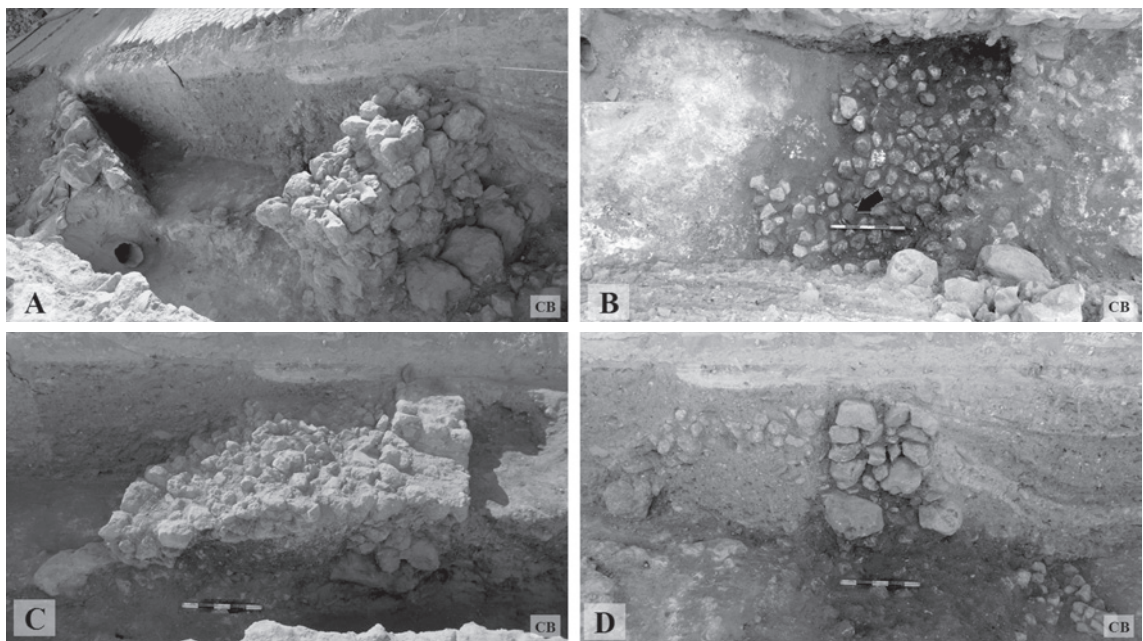


Figura 16 – A – Vista geral dos muros identificados no Largo Pedro Álvares Cabral; B – Vestígios de pavimentos; C – Perspectiva dos dois muros paralelos e o derrube; D – Perspectiva do corte Oeste da vala após o desmonte das estruturas. Fotos: C. Boavida.

ção com estas estruturas é semelhante ao recuperado nos silos, embora muito fragmentado. Sobre o muro do corte Este foi recuperada parte de uma mó de rodízio em calcário.

No Largo Pedro António Monteiro, paralelo à cabeceira da igreja das Capuchas, distando 1,00 m daquela, foi encontrado um muro de alvenaria extremamente compacta. Aquele poderá corresponder às fundações da antiga ermida associada ao Hospital dos Santos Inocentes que, por se encon-

trar devoluta, foi reconstruída quando aquela propriedade foi cedida às freiras Capuchas em 1678 (Reis, 1991: 68-73). Sob este muro com 0,50 m de espessura estavam dois dos silos encontrados neste largo. Após a demolição desta estrutura, no corte Oeste, foi possível verificar que o edifício anterior ao aqui existente seria mais estreito, pois as fundações das paredes laterais, com 1,00 m de espessura, encontram-se ambas sobre a área da nave da actual igreja.

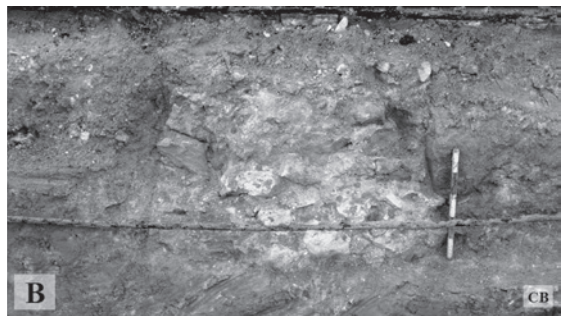


Figura 17 – A – Muro de fundação da cabeceira da ermida do Hospital dos Santos Inocentes (?) identificado no Largo Pedro António Monteiro; B – Pormenor do corte oeste vendo-se muro perpendicular ao da cabeceira da actual igreja. Fotos: C. Boavida.

4.4. Condutas de Saneamento: uma longa rede

Durante os trabalhos na Rua Braamcamp Freire foi colocada à vista uma conduta de saneamento, de grande dimensão, que ainda se encontrava em serviço. Trata-se de uma estrutura construída em alvenaria de pedra com argamassa de cal e areia alaranjada, que apresentava secção subrectangular no troço Sul¹⁴ e trapezoidal no restante percurso (0,85 m de largura máxima por 0,60 m de altura) e uma extensão preservada de quase 200 m. A parte superior era coberta por lajes de calcário com 0,10 m de espessura, sendo o fundo da caleira do troço Sul constituído por lajes de cerâmica (Boavida, Casimiro & Silva, 2013d: 112-113).

Nalguns locais da conduta verificou-se a reutilização de elementos arquitectónicos na sua construção, nomeadamente três fustes de coluna e a base da pilastra de um cunhal.

¹⁴ Entre o Largo Pedro António Monteiro e o Chafariz del-Rei, em frente à Biblioteca Municipal.

Segundo informação da Dr.^a Maria Manuela dos Santos, doutoranda em História Contemporânea no ISCTE¹⁵, esta conduta terá sido mandada construir por Anselmo Braamcamp Freire e pelo Visconde do Andaluz em meados do século XIX. Aqueles tinham as suas residências neste arruamento, respectivamente nos edifícios onde actualmente funcionam a Biblioteca Municipal e a Fundação Luíza Andaluz.

Sendo um dos objectivos da obra a substituição desta conduta, e uma vez que a preservação integral da mesma, adulterada, provocaria alguns problemas do ponto de vista da obra e de manutenção e conservação da própria estrutura, optou-se por manter a sua parede Este; embora nalguns locais, devido à necessidade de instalação de sargetas e colectores de saneamento tenha sido necessário demolir alguns troços na totalidade.

¹⁵ O objecto de estudo desta investigadora são as alterações arquitectónicas e urbanísticas ocorridas em Santarém no final da Monarquia e na I República ao nível dos serviços de água e saneamento, entre outros.



Figura 18 – A – Cruzamento da condutas de saneamento da Rua Miguel Bombarda com a da Rua Braamcamp Freire no Largo Pedro António Monteiro; B – Vista do interior da conduta da Rua Braamcamp Freire após remoção da cobertura vendo-se as lajes de cerâmica do pavimento; C – Perspectiva do interior da conduta da Rua Braamcamp Freire. Fotos: C. Boavida.

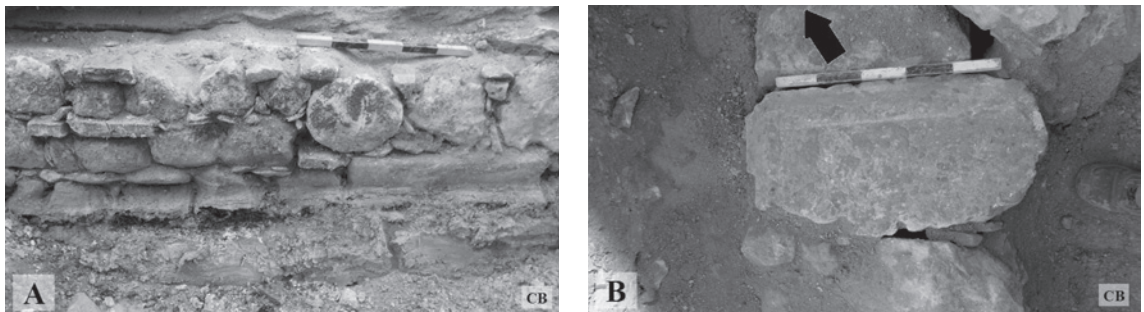


Figura 19 – Reutilização de elementos arquitectónicos na estrutura da conduta de saneamento da Rua Braamcamp Freire. A – Fuste de coluna; B – Base de pilastra de cunhal. Fotos: C. Boavida.

Além dos ramais de saneamento dos diversos edifícios presentes na rua, ligavam-se à conduta outras secundárias, vindas dos arruamentos próximos como os largos Pedro António Monteiro e Pedro Álvares Cabral, as ruas Miguel Bombarda e Júlio Araújo e a Travessa D. Mónica. Na Rua Vila de Belmonte foi reconhecida conduta com as mesmas características, igualmente em serviço.

Foram identificados mais alguns troços de condutas de saneamento de menor dimensão na Travessa das Capuchas e na Avenida António dos San-

tos; no entanto, essas eram construídas em tijolos e encontravam-se em grande parte desactivadas e aterradas.

No interior de uma delas foram recuperados alguns objectos da 1.ª metade do século XX, nomeadamente o fundo de um copo de vidro, talheres e tampas metálicas de pasta medicinal Couto, cuja produção se iniciou em 1932.

Estas condutas foram construídas sobre uma área que poderá corresponder à lixeira do Convento das Capuchas, estando junto da sua cerca.

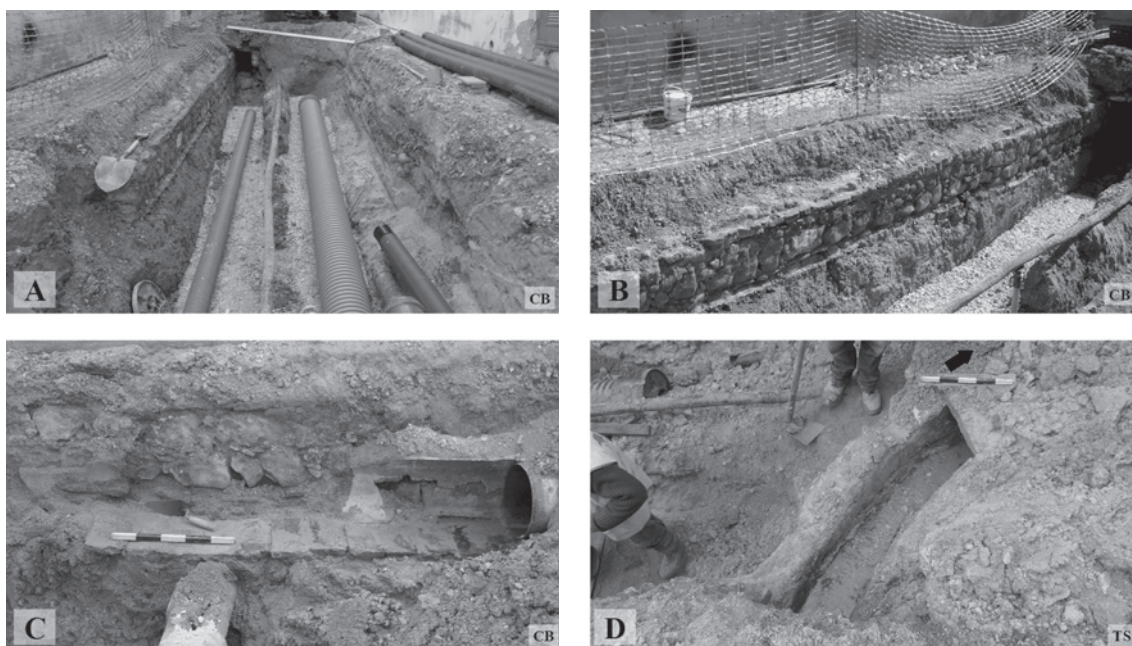


Figura 20 – A – Vista geral dos trabalhos na Rua Braamcamp Freire; B – Vista geral da parede Este da conduta de saneamento que foi preservada *in situ*; C – Pormenor da conduta, vendo-se o pavimento cerâmico e o tubo de PVC existente no interior de uma parte da estrutura; D – Conduta no Largo Pedro António Monteiro. Fotos: C. Boavida e T. Silva.

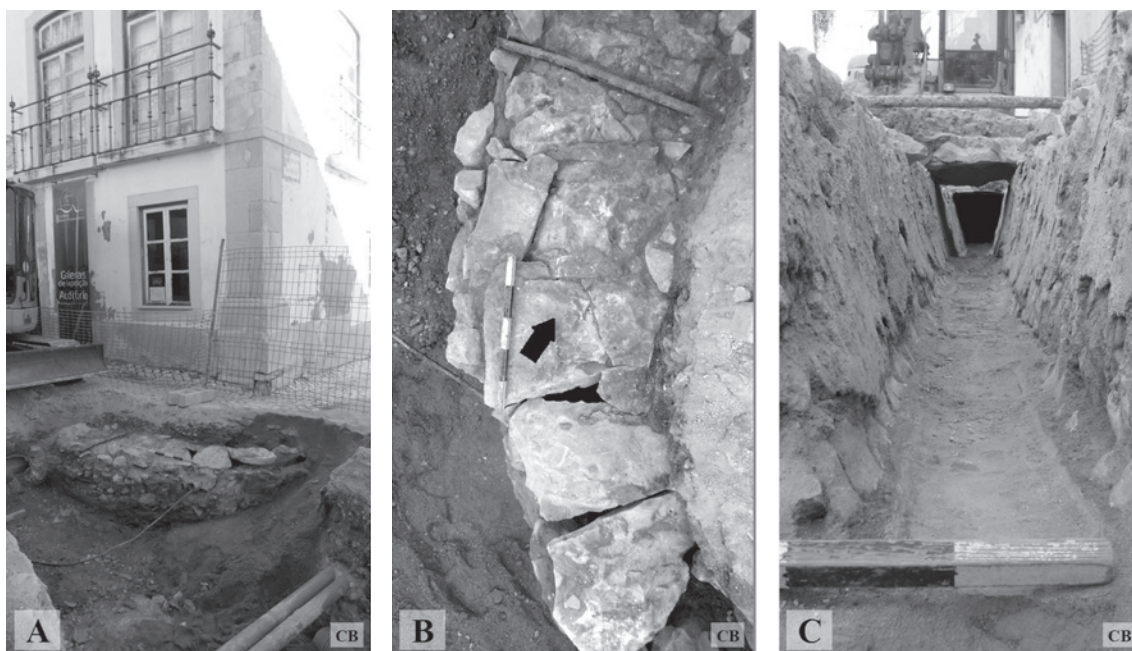


Figura 21 – A – Localização da conduta de saneamento da Rua Vila de Belmonte em relação à Casa do Brasil / Casa Pedro Álvares Cabral; B/C – Vista superior e interior da conduta da Rua Vila de Belmonte. Fotos: C. Boavida.

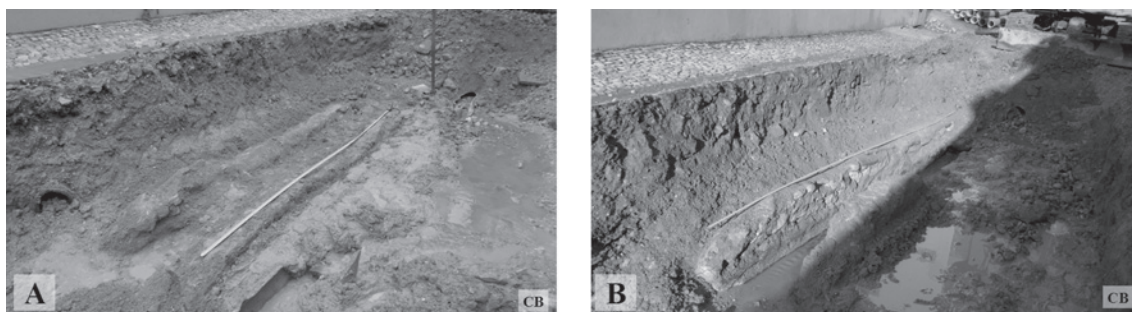


Figura 22 – A/B – Aspetos da escavação da conduta de saneamento em tijolo identificada na Travessa das Capuchas. Fotos: C. Boavida.

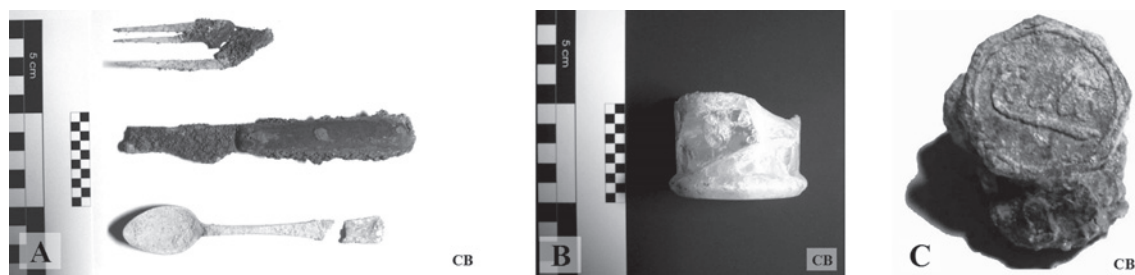


Figura 23 – A/B – Objectos recolhidos no interior da conduta de saneamento da Travessa das Capuchas. A – Talheres; B – Fundo de copo em vidro; C – Tapa de pasta medicinal Couto. Fotos: C. Boavida.



Figura 24 – Vista geral da área de aterro identificada na Avenida António dos Santos, vendo-se a vala aberta anteriormente para a colocação da conduta da água; B – Cerâmica esmaltada recuperada durante a escavação do nível de aterro. Fotos: C. Boavida.

A maior parte do espólio recuperado encontra-se fora de contexto e corresponde a várias cronologias, destacando-se as faianças de produção nacional (Boavida, Casimiro & Silva, 2016). Na Avenida António dos Santos estes materiais integravam uma área de aterro compactado, que poderá ter sido criado na 2.ª metade do século XIX, altura em que esta rua foi aberta e alargada para permitir o acesso ao Cemitério Municipal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de cinco anos, os trabalhos arqueológicos desenvolvidos pela ARPA identificaram diversos vestígios histórico-patrimoniais da cidade de Santarém. Até ao momento, só houve oportunidade de analisar de forma preliminar alguns dos dados recolhidos, no entanto, é possível tirar algumas ilações.

As estruturas e espólios a elas associados permitiram a percepção de alguns aspectos da evolução urbanística dos espaços intervencionados, nomeadamente as áreas Travessa das Capuchas / Largo Pedro António Monteiro e Largo Pedro Álvares Cabral / Rua Vila de Belmonte.

No primeiro caso, a presença de uma necrópole islâmica evidencia tratar-se de uma área periférica à cidade muçulmana. O facto de mais tarde, provavelmente ainda durante a permanência daquelas comunidades, terem sido escavados no substracto rochoso diversos silos (cuja área de dispersão não foi possível aferir), demonstra que a cidade continuava a expandir-se e que o espaço funerário anteriormente existente perdera a sua importância como tal, sendo integrado na malha urbana.

A reestruturação de uma das portas da muralha da cidade levou à transferência do Hospital dos Santos Inocentes para este local no final do século XIV, inícios XV, provocando o abandono e entulhamento dos silos. Essa situação é evidenciada pelos depósitos presentes no interior daquelas estruturas. Se por um lado existem silos que foram usados como lixeiras, em que o espólio é atribuível àquelas cronologias, por outro foram identificados silos que se encontram preenchidos com pedras de pequena e média dimensão, provavelmente para garantir a estabilidade do terreno, permitindo a construção de edifícios sob o local.

A intervenção e consequente demolição de um muro que poderá ter integrado as fundações de uma ermida existente anteriormente no local permitiram confirmar que o edifício terá sido reformado. No corte Oeste, por baixo da nave da actual igreja e dentro do espaço definido pelos cunhais da capela-mor desta, foram identificados dois muros perpendiculares àquele. A espessura destes poderá também indicar que se tratava de um edifício com um telhado de duas águas, sendo o peso e pressão daquele exercida sobre estes, substancialmente mais espessos que o da empena.

Em relação ao espólio recolhido no interior dos silos, além de uma grande quantidade e diversidade de formas em cerâmica comum, estão presentes al-

guns objectos que só poderiam ser adquiridos por alguém com alguns recursos financeiros (tendo em conta a presença de peças importadas, não só em cerâmica, mas também em vidro). Não será demais lembrar que junto do Rossio da Amoreira, depois Largo das Capuchas e actual Largo Pedro António Monteiro estavam os paços de João Fernandes Pacheco (1340-1420) (Beirante, 1980: 87), Guarda-Mor de D. João I (1357-1433).

A proximidade das carniçarias e do curral do gado (Beirante, 1980: 87) poderão justificar a presença de grandes quantidades de ossos de animais, nomeadamente bovídeos.

No que diz respeito ao Largo Pedro Álvares Cabral, antigo Largo da Graça, os vestígios de uma necrópole de incineração de cronologia romana demonstram que se tratava claramente de uma área periférica à povoação romana, embora próxima do caminho de acesso. Poderá questionar-se se estamos perante um espaço funerário inédito ou se este núcleo fará parte do mesmo que foi identificado junto à Igreja de São João do Alporão, a uma centena de metros do local (Liberato, Santos e Geote, 2012: 157-158). Este último espaço foi usado como necrópole durante várias centúrias, existindo enterramentos entre os séculos III e X (Liberato, 2012).

As estruturas murárias identificadas revelaram a presença de um espaço urbano, até ao momento desconhecido e ao que tudo indica anterior à construção da igreja no local. Não foi possível apurar com exactidão em que momento essas estruturas terão sido abandonadas ou desactivadas, nem em que condições, mas o estudo do espólio artefactual associado poderá permitir o apuramento de cronologias. Esse espólio é em grande parte semelhante ao recolhido nos silos existentes também no local, no entanto, no interior daquelas estruturas negativas as peças não se encontram tão fragmentadas. O facto de nenhuma destas estruturas (muros e silos) interferirem entre si, poderá eventualmente indicar a sua contemporaneidade.

Ao contrário do que sucedia nos silos da Travessa das Capuchas, aqui são frequentes as peças decoradas a branco, usuais na cidade de Santarém pelo

menos desde o século XI, como atestam os materiais recolhidos na Alcáçova (Silva, 2011), na Avenida 5 de Outubro (Liberato, 2011) e no Largo Mem Ramires (Cardoso, Almeida & Mendes, 2001: 821). Por outro lado, visto que as cerâmicas recuperadas na Travessa das Capuchas são bem mais tardias, a comparação de formas e decorações das peças dos dois locais possibilitará um estudo evolutivo das mesmas, nomeadamente no que diz respeito à cerâmica comum, para a qual se coloca a hipótese de resultar de uma produção de âmbito local ou regional (Casimiro, Boavida & Silva, 2014).

No troço sul da Rua Braamcamp Freire foi identificada uma conduta de saneamento que será uma das mais antigas da cidade. A mesma sofreu algumas alterações posteriores com a ligação de diversos ramais e de outras condutas que despejam águas residuais e pluviais no seu interior, visto que a sua parte mais baixa se encontra numa cota inferior à de todos os outros arruamentos próximos. A análise desta estrutura e de outras idênticas, de menor dimensão, localizadas um pouco por todo o Centro Histórico, poderá permitir o estudo de como as preocupações higiénico-sanitárias condicionaram ou não a evolução dos espaços urbanos da cidade a partir da 2.ª metade do século XIX.

Em síntese, ao longo dos trabalhos desenvolvidos pela ARPA em Santarém foram identificadas estruturas e elementos da cultura material que permitem um maior conhecimento sobre as vivências das populações scalabitanas nos últimos 2000 anos, tanto do ponto de vista social, como económico e religioso.

Nos últimos anos têm vindo a ser identificados no Centro Histórico de Santarém inúmeros vestígios do Passado da cidade; no entanto grande parte da História da capital do Ribatejo permanece por escrever. Conhecem-se factos, acontecimentos, personagens ilustres, mas como eles se articulavam com os quotidianos da cidade e a sua evolução urbanística é uma questão que em muitos casos ainda aguarda resposta.

AGRADECIMENTOS

Dr. Dário Neves, Dr. Filipe Oliveira, Dra. Alexandra Krus, Dr.ª Joana Gonçalves, Dr.ª Teresa Miguel, Dr. Rodolfo Manaia; Dr.ª Nathalie Antunes e Dr. Miguel Afonso; Dr. António Matias e Dr. Luís Mata; Eng. Fernando Dias; Dra. Maria Manuel dos Santos, Irmã Rita.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. (2002) – “Scallabis e o seu território” in Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. (coord.) *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Câmara Municipal de Santarém (pp. 37-46).

ALMEIDA, M. J. (1997) – *Intervenção arqueológica na Casa do Brasil, Rua Vila de Belmonte n.º 13/15. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos* (policopiado, não publicado).

ALMEIDA, M. J. (1999) – *Intervenção arqueológica na Rua 15 de Março (Marvila, Santarém). Relatório do acompanhamento arqueológico das obras*. (policopiado; não publicado).

ALMEIDA, M. J. (2000) – “Trabalhos Arqueológicos na Casa do Brasil” in Custódio, J. (coord.) *Casa do Brasil / Casa Pedro Álvares Cabral*. Santarém: Câmara Municipal (pp. 29-34).

ALMEIDA, M. J. (2003) – “Resultados da intervenção arqueológica na Rua Miguel Bombarda (Santarém): algumas ideias sobre a ocupação do planalto de Marvila” in Encarnação, G. (org.) *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Câmara Municipal / ARQA (pp. 81-94).

ARRUDA, A. M.; VIEGAS, C. (2002) – “A Alcáçova” in Arruda, A. M.; Viegas, C.; Almeida, M. J. (coord.) *De Scallabis a Santarém*; Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Câmara Municipal de Santarém (pp. 73-82).

BATATA, C.; BARRADAS, E.; SOUSA, V. (2002) – “Novos vestígios da presença islâmica em Santarém” in Amado, C.; Mata, L. (coord.) *Santarém e o Magreb: encontro secular (970-1578)*. Santarém: Câmara Municipal (pp. 68-77).

BATATA, C.; BARRADAS, E.; SOUSA, V. (2005a) – *Relatório Final do Acompanhamento Arqueológico da Ribeira de Santarém*. Abrantes: Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Lda. (policopiado; não publicado).

BATATA, C.; BARRADAS, E.; SOUSA, V. (2005b) – *Relatório Final da escavação arqueológica de emergência na Rua Lourenço de Almada (Ribeira de Santarém)*. Abrantes: Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Lda. (policopiado; não publicado).

BATATA, C.; BARRADAS, E.; SOUSA, V. (2008) – “As muralhas islâmico-medievais da Ribeira de Santarém” in Bicho, N. F.; Carvalho, A. F. (coord.) *A ocupação islâmica da Península Ibérica*.

- Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Centro de Estudos do Património da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve (pp. 99-206). Promontória Monográfica 11.
- BATATA, C.; BARRADAS, E.; SOUSA, V. (2010) – “Tipologia de silos e estruturas industriais na Praça Sá da Bandeira, em Santarém” in Bicho, N. F.; Sebástian, L. (coord.) *As Épocas Medieval e Moderna na Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Núcleo de arqueologia e Paleoecologia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve (pp. 197-201). Promontória Monográfica 13.
- BEIRANTE, A. (1980) – *Santarém Medieval*. [S.l.]: FCSH / Universidade Nova de Lisboa
- BOAVENTURA, R.; LANGLEY, M. (2002) – *Sondagens arqueológicas e acompanhamento arqueológico de obra – Travessa da Lameira / Travessa D. Mónica. Relatório Final* (policopiado; não publicado).
- BOAVIDA, C.; CASIMIRO, T. M.; SILVA, T. (2013a) – “Silos medievais da Travessa das Capuchas (Santarém): estruturas e cultura material” in Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C. (edit.) *Arqueologia em Portugal – 150 Anos*; Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (pp. 937-945).
- BOAVIDA, C.; CASIMIRO, T. M.; SILVA, T. (2013b) – “Travessa das Capuchas (Santarém). Silos e espólios trecentistas numa necrópole islâmica – primeira notícia”. *Al-madan: adenda electrónica* 18.1. [S.l.]: Centro de Arqueologia de Almada (pp. 134-136).
- BOAVIDA, C.; CASIMIRO, T. M.; SILVA, T. (2013c) – *Sondagens de diagnóstico – Largo Pedro Álvares Cabral (Marvila, Santarém). Relatório Final* [S.l.]: ARPA – Arqueologia e Património, Lda. (policopiado; não publicado).
- BOAVIDA, C.; CASIMIRO, T. M.; SILVA, T. (2013d) – “Intervenção Arqueológica na Rua Braamcamp Freire (Santarém) e a descoberta de esgoto oitocentista”. *Al-madan: adenda electrónica* 17.2. [S.l.]: Centro de Arqueologia de Almada (pp. 112-113).
- BOAVIDA, C.; CASIMIRO, T. M.; SILVA, T. (2016) – “Portuguese Faience in Santarém: evidence from two convents” in Gomes, R. V.; Casimiro, T. M.; Gomes, M. V. (edit.) *Proceedings of the First International Conference of Portuguese Faience (16th-19th centuries)*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências – FCSH/ Universidade Nova de Lisboa (pp. 257-262).
- BORGES, N. S.; BARRADAS, E. (2008) – *Acompanhamento arqueológico da ampliação da rede de condutas da Portugal Telecom*. Abrantes: Ozecarus, Serviços Arqueológicos, Lda. (policopiado; não publicado).
- CARDOSO, M.; ALMEIDA, M. J.; MENDES, H. C. (2001) – “A Porta da Atamarma” in Fernandes, I. C. F. (coord.) *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e Magreb (500-1500): Simpósio Internacional sobre os Castelos*. Lisboa: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela (pp. 819-824).
- CASIMIRO, T. M. (2011) – *Acompanhamento Arqueológico: Rua Capelo e Ivens, 100 (Santarém). Relatório Final*; Almeirim: ARPA – Arqueologia e Património, Lda. (policopiado; não publicado).
- CASIMIRO, T. M.; BOAVIDA, C.; SILVA, T. (2014) – “Pottery consumption in Medieval Santarém (12th-15th century)”; comunicação apresentada no congresso *Medieval and later ceramic development, production and trade along the Atlantic seaboard* promovido pelo Medieval Pottery Research Group no Museu Nacional de Arte Antiga (18 Junho).
- CASIMIRO, T. M.; SILVA, T. (2011) – *Acompanhamento Arqueológico: Rua Dr. Jaime Figueiredo, 27 (Santarém). Relatório Final*. Fazendas de Almeirim: ARPA – Arqueologia e Património, Lda. (policopiado; não publicado).
- CUNHA, A.; FERREIRA, F. (1998) – *Vida e morte na época de D. Afonso Henriques*. [S.l.]: Hugin.
- CUSTÓDIO, J.; MATA, L. (2010) – *Santarém: Roteiros Republicanos*. [S.l.]: Quidnovi.
- FERNANDES, L.; MARQUES, A. C.; TORRES, A. (2008) – “Ocupação Baixo Medieval do Teatro Romano de Lisboa: a propósito de uma estrutura hidráulica, as cerâmicas vidradas e esmaltadas”. *Arqueologia Medieval* 10. Porto: Edições Afrontamento (159-183).
- GASPAR, Alexandra; AMARO, Clementino (1997) – “Cerâmicas dos séculos XIII-XV da cidade de Lisboa” in Archimbaud, D. G. (dir) *La céramique médiévale en Méditerranée: Actes du 6^e congrès*. Aix-en-Provence: Narration Editions (pp. 337-345).
- GOMES, P. D.; MELO, M. R.; OSÓRIO, M. I. P.; SILVA, A. M.; TEIXEIRA, R. J. (2004) – “Cerâmicas tardo-medievais e modernas de importação na cidade do Porto: primeira notícia”. *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos* 3. Barcelos: Câmara Municipal (pp. 89-96).
- LIBERATO, M. A. A. (2011) – *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado; não publicado).
- LIBERATO, M. (2012) – “Novos dados sobre a paisagem urbana de Santarém medieval (séculos V-XII): a necrópole visigoda e islâmica de Alporão”. *Medievalista online* 11. Instituto de Estudos Medievais – FCSH/UNL (<http://www2.fcs.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA11/iberato1107.html>) – visto em Junho 2014).
- LOPES, C.; RAMALHO, M. M. (2001) – “Presença islâmica no Convento de São Francisco de Santarém” in Lacerda, M.; Soromenho, M.; Ramalho, M. M.; Lopes, C. (coord.) *Garb – Sítios islâmicos do sul peninsular*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico / Junta de Extremadura (pp. 31-87).

- LOPES, S. (2007) – *Relatório final do acompanhamento arqueológico de intervenção na residência de estudantes Pedro Álvares Cabral no Centro Histórico de Santarém*. Ozecarus, Serviços Arqueológicos Lda. (policopiado; não publicado).
- MARTINS, A.; LOPES, G. (2007) – “Cerâmicas nazarís dos silos da Avenida Miguel Fernandes (Beja)”. *Vipasca – Arqueologia & História* 2:2. Aljustrel: Câmara Municipal (pp. 620-624).
- MARTINS, A.; NEVES, C.; COSTA, C.; LOPES, G. (2010) – “Sobre um conjunto de silos em Beja: a Avenida Miguel Fernandes”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 13. Lisboa: IGESPAR (pp. 145-165).
- MATIAS, A. J. (2004) – “Voltados para a Caaba. O mundo da morte e as práticas funerárias islâmicas: o caso de *Shantarín*” in Amado, C.; Mata, L. (coord.) *Santarém e o Magreb: encontro secular (970-1578)*. Santarém: Câmara Municipal (pp. 88-97).
- MATIAS, A. J. (2009) – “Culturas distintas, um mesmo espaço. O Largo Cândido dos reis na caracterização de gestos quotidianos e rituais funerários de Santarém medieval” in Gonçalves, M. J. (coord.) *Actas do 6.º Encontro de Arqueologia do Algarve*. Silves: Câmara Municipal (pp. 637-654). *Xelb* 9.
- MENDES, H. C. (1998) – *Relatório de acompanhamento arqueológico de obras no Centro Histórico de Santarém – Largo Mem Ramires 15/16*. Gabinete Projecto Municipal de Santarém a Património Mundial, Câmara Municipal de Santarém (policopiado; não publicado).
- MENDES, H. C. (2001) – *Intervenção arqueológica na Travessa da Lameira, n.º 3 – Centro Histórico de Santarém. Relatório dos trabalhos arqueológicos*. Câmara Municipal de Santarém (policopiado; não publicado).
- MENDES, H. C.; ALMEIDA, M. J. (1999) – *Intervenção arqueológica na Rua Tenente Valadim, n.º 14 – Relatório dos Trabalhos Arqueológicos* (policopiado; não publicado).
- MENDES, H.; PIMENTA, J.; VALONGO, A. (2002) – “Cerâmicas medievais provenientes da escavação da Travessa da Lameira n.º 21 – Centro Histórico de Santarém”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 5.1. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (pp. 259-276).
- MENDONÇA, I. (2000) – “Convento de Nossa Senhora de Jesus do Sítio / Igreja e Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Santarém” in *Monumentos* (http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=8562 – visto em Setembro de 2014).
- PINTO, M. A.; SANTOS, H. M. (2005a) – “Escavações e Acompanhamento Arqueológico na Rua 1.º de Dezembro” in *Crivarque Arqueologia Online* (<http://www.crivarque.net/pzoom.php?identif=59> – visto em Setembro 2014).
- PINTO, M. A.; SANTOS, H. M. (2005b) – “Escavações e Acompanhamento Arqueológico na Rua João Afonso” in *Crivarque Arqueologia Online* (<http://www.crivarque.net/pzoom.php?identif=12> – visto em Setembro 2014).
- REIS, M. F. (2001) – *Os expostos em Santarém. A acção social da Misericórdia (1691-1710)*. Lisboa: Editorial Cosmos. *Cosmos História* 25.
- SANTOS, H.; LIBERATO, M. (2012) – “Em torno da cerâmica pintada a branco. Uma proposta de diacronia pós-islâmica na Santarém Medieval”. *Arqueologia Medieval* 12. [S.l.]: Edições Afrontamento (pp. 59-70).
- SANTOS, H.; LIBERATO, M.; GEOTE, R. P. (2012) – “Alterações urbanísticas na Santarém Pós-Medieval. A diacronia de abandono de uma rua no planalto de Marvila” in Teixeira, A.; Bettencourt, J. M. (coord.) *Velhos e Novos Mundos – Estudos de Arqueologia Moderna* vol. I; Centro de História do Além-Mar da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores (pp. 157-162).
- SANTOS, N. (2011) – *Clínica Ruy Puga. Trabalhos de Arqueologia – Relatório Preliminar* (policopiado; não publicado).
- SILVA, M. I. (2011) – *A cerâmica islâmica da alcáçova de Santarém, das unidades estratigráficas 17, 18, 27, 28, 30, 37, 39, 14, 193, 195, 196, 197 e 210*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (policopiado; não publicado).
- SILVA, R. B.; OLIVEIRA, F. (2014) – “European Medieval pottery imports in Lisbon: an approach to its historical and archaeological significance”; comunicação apresentada no congresso *Medieval and later ceramic development, production and trade along the Atlantic seaboard* promovido pelo Medieval Pottery Research Group no Museu Nacional de Arte Antiga (18 Junho).
- SILVA, T.; CASIMIRO, T. M (2010) – *Acompanhamento Arqueológico – Rua Capelo e Ivens, 98 (Santarém). Relatório Final*. Santarém: ARPA – Arqueologia e Património, Lda. (policopiado; não publicado).
- SILVA, T.; CASIMIRO, T. M (2011a) – *Acompanhamento Arqueológico – Travessa das Frigideiras, Largo do Seminário / Praça Sá da Bandeira (Marvila, Santarém). Relatório Final*. Santarém: ARPA – Arqueologia e Património, Lda. (policopiado; não publicado).
- SILVA, T.; CASIMIRO, T. M (2011b) – *Acompanhamento Arqueológico – Travessa Padre António Fernandes, Rua Arco de Mansos, Largo de S. Tiago (Marvila, Santarém). Relatório Final*. Santarém: ARPA – Arqueologia e Património, Lda. (policopiado; não publicado).
- SILVA, T.; CASIMIRO, T. M (2011c) – *Acompanhamento Arqueológico – Rua 31 de Janeiro, 36 (Santarém). Relatório Final*. Santarém: ARPA – Arqueologia e Património, Lda. (policopiado; não publicado).

SILVA, T.; CASIMIRO, T. M (2011d) – *Acompanhamento Arqueológico – Avenida do Brasil, 59 (Santarém). Relatório Final*. Santarém: ARPA – Arqueologia e Património, Lda. (policopiado; não publicado).

SILVA, T.; CASIMIRO, T. M (2011e) – *Acompanhamento Arqueológico – Rua Guilherme de Azevedo, 27 (Santarém). Relatório Final*. Santarém: ARPA – Arqueologia e Património, Lda. (policopiado; não publicado).

SILVA, T.; CASIMIRO, T. M (2011f) – *Acompanhamento Arqueológico – Rua Dr. Teixeira Guedes, 1-3 (Santarém). Relatório Final*. Santarém: ARPA – Arqueologia e Património, Lda. (policopiado; não publicado).

SILVÉRIO, S; BARROS, L. (2005) – *Arqueologia no castelo da aldeia histórica de Castelo Novo (2002-2004): resultados preliminares*. [S.l.]: Câmara Municipal do Fundão.

TRINDADE, L.; DIOGO, A. D. (2003) – “Cerâmicas de um silo da Alcáçova de Santarém” in *Abraços*, H. C.; Diogo, J. M. (coord.) *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – Métodos e resultados para o seu Estudo*. Tondela: Câmara Municipal (pp. 145-150).

VIEGAS, C. (1994) – *Intervenção arqueológica de emergência na Rua Capelo e Ivens n.º 52 – Centro Histórico de Santarém. Relatório Preliminar*. (policopiado; não publicado).

VIEGAS, C.; ARRUDA, A. M. (1999) – “Cerâmicas islâmicas da Alcáçova de Santarém”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2.2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (pp. 105-186).

